

DOSSIÊ

AFINANDO AS DIFERENÇAS NA CHEGADA À CIDADE: Repertórios sensoriais de migrantes internacionais no Rio de Janeiro

*Tilman Heil**

Resumo

Migrantes internacionais que chegam à cidade desigual do Rio de Janeiro se deparam com diferenças e hierarquias étnico-raciais, de classe e gênero, que constituem a paisagem urbana e os corpos que nela circulam. A etnografia com migrantes senegaleses e espanhóis, chegados na década de 2010, analisa como estes se envolveram de forma diferenciada com as atmosferas afetivas e estéticas coletivas proporcionadas pelos espaços urbanos e seus habitantes. A partir de uma abordagem fenomenológica e crítica, os registros urbanos visuais estão concebidos como parte de repertórios sensoriais. Ao analisar os repertórios sensoriais emergentes das trajetórias locais e transnacionais dos migrantes, o artigo revela como os recém-chegados se sintonizam nas densas paisagens urbanas e nas contradições e contingências entre experiências e sensibilidades, oriundas de privilégio e racismo, medo e curiosidade. A heterogeneidade dos repertórios dos migrantes reflete e co-constitui esse mundo urbano denso, multifacetado e desafiador.

Palavras-chaves: Desigualdade urbana; Migração; Interseccionalidade; Performatividade; Fenomenologia crítica.

* Departamento de Antropologia, Leuven, Bélgica e Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS/MN, Laboratório de Antropologia e História, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: tilmann.heil@kuleuven.be Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9337-8448>.

INTRODUÇÃO

Repertórios sensoriais densos chamaram minha atenção ao debater a chegada contemporânea de migrantes na cidade. Os migrantes recém-chegados de países europeus e africanos, eu incluído, lidavam com encontros, projeções e experiências profundamente corporais para viver e apreciar o mundo urbano a que havíamos chegado. À primeira vista e com referência aos primeiros anos da nossa chegada à cidade (Meeus; Arnaut; Van Heur, 2018; Saunders, 2010), meus interlocutores do Senegal e da Espanha e eu estávamos debatendo estereótipos muitas vezes preconceituosos sobre geografia, raça, gênero e classe, a fim de tornar inteligíveis as pessoas e os espaços da cidade. No entanto, logo ficou evidente que estávamos também atendendo às histórias e configurações espaciais que moldavam os sentimentos de medo e curiosidade na cidade. Ao fazer isto, não pudemos deixar de tocar em tabus locais que controlam o discurso racista e misógino, bem como o orgulho coletivo da cidade.

Minha etnografia antropológica resulta do trabalho com recém-chegados do Senegal e da Espanha, que viviam no Rio de Janeiro desde o início dos anos 2000. Propositadamente trabalhando com pessoas de diferentes classes sociais, trajetórias de migração e origens, pergunto como as suas trajetórias locais e transnacionais afinavam as suas relações com a cidade e seus habitantes, tanto no cotidiano quanto em situações de alta densidade sensorial. Suas experiências se situam no contexto de uma estratégia de mercantilização estética do Rio de Janeiro que, nos anos 2010, relançou a marca da “cidade maravilhosa” para preparar o palco internacional tanto para os Jogos Olímpicos quanto para a Copa do Mundo (Jaguaribe, 2014). A marca explorou a estética globalmente reconhecível da cidade, tensionada pela presença visual tanto da beleza natural quanto da contínua expansão urbana. Isso faz parte da materialidade única da cidade, que dá origem às sensações mais variadas, situadas, de forma desconfortável, em hierarquias profundas. Os recém-chegados invocavam prontamente a beleza natural da cidade e suas produções culturais entre as atmosferas afetivas mais proeminentes. No entanto, a onipresença da violência, do crime e da desigualdade rompeu qualquer tentativa uniforme de estetização, revelando fissuras profundas. Em sintonia com a interseção fundadora entre racismo e sexismo, os recém-chegados rapidamente abordaram os corpos dos cariocas nas suas dimensões de gênero e de raça, derretendo a beleza topográfica e incorporada com a dura visibilidade das condições urbanas desiguais (Gonzalez, 2018; Silva, 2006; Pravaz, 2014; Roth-Gordon, 2017; Roth-Gordon; Larkins, 2025).

Abordo um ambiente urbano extremamente carregado – hierárquico, desigual, muitas vezes violento e um local privilegiado de desejo racializado. Portanto, minha análise procura entender as distintas intensidades sensoriais de atores urbanos frente aos “binários fantasmáticos de medo e desejo que governaram a representação da figura negra no discurso colonial” de Fanon (Fanon, 1952; Hall, 1996, p. 17-18). Nessas experiências corporificadas da racialização, ambas, a negritude e a branquitude, e as suas interseções com outros marcadores sociais da diferença estavam em jogo. Os repertórios sensoriais dos recém-chegados dependiam profundamente de como eles próprios estavam posicionados devido às suas trajetórias. Eles revelavam formas únicas de se relacionar com as distintas camadas da paisagem urbana que gradualmente passaram a habitar. Frente à experiência transnacional da diferença étnico-racial, de gênero, sexualidade, classe e religião de recém-chegados, o Rio de Janeiro lhes garantia um turbilhão sensorial e emocional, misturando tudo, desde euforia e desejo até desprezo e medo. Esses repertórios sensoriais compõem um conhecimento corporal e reflexivo, profundamente nuançado, situado local e transnacionalmente, das relações raciais, de gênero e de classe vividas, bem como dos preconceitos constitutivos dos mundos urbanos contemporâneos no Brasil e além. Eles enfatizam a constante mudança,

as multiplicidades e as contradições que marcam situações urbanas efêmeras, especialmente em contextos de chegada.

Mobilizo o repertório sensorial como uma lente conceitual para focar nas trajetórias locais e transnacionais, incentivada por várias considerações. Bourdieu (2007, p. 2) escreveu como antropólogos elaboram “um substituto explícito e pelo menos semi-formalizado para [o domínio prático de uma prática] na forma de um repertório de regras”. Sigo King (2016), que critica este impulso frequentemente equivocado dos cientistas sociais de formular regras, enfatizando como atores sociais improvisam criativamente sobre princípios abstratos, como categorias interseccionais e lógicas de poder. Em sintonia com esta crítica, inspiro-me na sociolinguística e em seu uso de repertório para entender a heterogeneidade social e cultural. Neste campo, repertório engloba todos os “meios de fala” que as pessoas “sabem usar e por quê” para se comunicar; para eles, repertórios linguísticos são “complexos individuais, biograficamente organizados de recursos [que] seguem os ritmos das vidas humanas reais” (Blommaert; Backus, 2013, p. 11, 15). Reconhece-se que o repertório se constitui ao longo da vida e nas trajetórias específicas da pessoa que fala, tornando-se uma biografia indexical da pessoa. Adicionando um toque fenomenológico crítico a esse termo-chave da sociolinguística, repertórios *sensoriais* passam a articular como os moradores da cidade são afetados, afetam e se relacionam criativamente com os espaços e populações urbanas em seus encontros (Simonsen; Koefoed, 2020), a partir da profunda história de encontros que antecederam a chegada à cidade. Embora altamente sutis, os repertórios sensoriais permanecem guias parciais e fragmentados para a multiplicidade urbana, às vezes esmagadora.

Abordo o engajamento dos recém-chegados com a cidade e seus habitantes por meio de uma fenomenologia crítica do encontro (Simonsen; Koefoed, 2020). Apresentarei os repertórios sensoriais de recém-chegados em dois momentos que mostram a experiência dos meus interlocutores em seus encontros com a cidade, as visualidades da desigualdade e as relações entre os corpos urbanos, recém-chegados e residentes de longa data.¹ Destacam-se as trajetórias específicas que atravessam as formas de se inscrever e relacionar com a cidade e as pessoas que a habitam. Nas interações entre trajetórias, corpos e espaços, emerge a devida contextualização das reificações visuais nos outros sentidos e sensações para melhor entender como um mundo urbano emerge: desafiador e desigual, porém também criativo e sedutor.

ETNOGRAFIA ENTRE RECÉM-CHEGADOS

Entre 2014 e 2020, acompanhei pessoas do Senegal e da Espanha para um projeto pós-doutoral na intersecção das antropologias da migração e urbana, que chegaram ao Rio de Janeiro desde o início dos anos 2000, por um total de 30 meses, divididos em intervalos regulares de dois a seis meses. Dada minha pesquisa etnográfica anterior tanto na Espanha como no Senegal, conheci muitos senegaleses e alguns espanhóis por meio de redes existentes; outros conheci em eventos. Também recrutei interlocutores – mais espanhóis do que senegaleses – por meio de postagens nas redes sociais. Pude construir minha relação com senegaleses e espanhóis com base na nossa experiência compartilhada de ter chegado recentemente ao Brasil, apesar de todas as nossas dife-

¹ Embora se adote uma concepção ampla de repertórios sensoriais, a dimensão sonora da cidade não foi abordada sistematicamente. Merece uma própria publicação na qual a conceituação dos repertórios sensoriais proposta aqui dialogue com conceitos como paisagens sonoras e ecologias acústicas (Aceska *et al.*, 2024; Bieleto-Bueno, 2021, 2017; Guillebaud, 2017; Vedana, 2010; Fortuna, 2009).

renças marcantes quanto à origem, raça, religião, classe, gênero, identidade sexual e opinião política. Dada a relação de confiança estabelecida ao longo dos anos, as tensões, às vezes substanciais, causadas por nossas diferenças se tornaram terrenos férteis para a investigação etnográfica rígida e a coprodução de conhecimentos relevantes.

Durante meu trabalho de campo, participei de eventos seculares e religiosos semanais de senegaleses, nos quais repetidamente em torno de 100 senegaleses participaram (Heil, 2021). Entre os espanhóis, circulei nas redes de recém-chegados, nas quais encontrei repetidamente de 60 a 80 pessoas, em eventos públicos e festas privadas (Heil, 2020a). Com todos os meus interlocutores principais, eu passava tempo nos seus dias de folga, antes e depois do trabalho, e durante os intervalos. Frequentemente nos encontrávamos em suas casas, em cafés, bares, restaurantes ou simplesmente em uma praça, em um parque ou na orla. Também fazíamos longas caminhadas pela cidade e visitávamos locais culturais. Em paralelo, realizei entrevistas semiestruturadas em número igual com senegaleses e espanhóis no Rio de Janeiro, das quais 68 foram gravadas e transcritas. Com cerca de metade dessas pessoas, gravei múltiplas entrevistas ao longo dos anos da minha pesquisa. Porém, muitos interlocutores, especialmente senegaleses, preferiam participar da minha pesquisa sem serem gravados. Assim, conversas informais e a observação participante complementam as narrativas (gravadas ou não) para entender a vida urbana ao redor dos meus interlocutores e sua participação nela.

Meus interlocutores senegaleses e espanhóis tiveram trajetórias de vida muito variadas: em ambos os grupos, havia acadêmicos, profissionais, expatriados e empreendedores, de um lado do espectro, e trabalhadores manuais, vendedores ambulantes e outros ativos na economia informal, do outro. Alguns senegaleses no Rio de Janeiro eram profissionais altamente qualificados, um pequeno grupo era composto por vendedores especializados de artesanato africano, e a maioria eram vendedores independentes de óculos de sol e outros produtos de origem chinesa. Eles tinham entre 20 e 50 anos, sendo geralmente os mais velhos os altamente qualificados e os vendedores de artesanato. Os vendedores viviam predominantemente em Copacabana e no centro de Niterói, cidade vizinha; os altamente qualificados habitavam os bairros espalhados de classe média do Rio. Na rotina quotidiana, todos eles atravessavam muito mais bairros da cidade. A maioria dos senegaleses no Rio eram homens e a maioria das duas dezenas de mulheres tinha vindo se juntar aos maridos. Tanto homens como mulheres, mas principalmente vendedores independentes, tanto de artesanato quanto de produtos feitos na China, compartilharam parte de seus conhecimentos comigo.

A última chegada de mulheres e homens espanhóis ao Brasil ocorreu no contexto do êxodo geral do sul da Europa, após a crise econômica europeia de 2008 e as subsequentes medidas de austeridade econômica. Todos os espanhóis que encontrei eram brancos e na sua maioria tinham entre 20 e 30 anos. Com algumas exceções, todos viviam na Zona Sul ou no Centro, em bairros de classe média, além de favelas pacificadas em processo de gentrificação.² Apenas alguns culpavam abertamente a crise por sua migração, enquanto a maioria simplesmente enquadrava sua mobilidade como uma decisão de vida autônoma. Um pequeno grupo entre eles era de profissionais bem pagos, alguns empreendedores, outros expatriados, que eram um pouco mais velhos, entre o final dos 30 e o início dos 50 anos. Apenas alguns se autoidentificaram como expatriados.

² O processo da pacificação com unidades policiais específicas foi uma tentativa ambígua de integrar as favelas cariocas à cidade formal, combatendo violência extraestatal com novas formas de controle formal sobre territórios historicamente marginalizados. Como resultado, um período menos violento permitiu uma gentrificação dos espaços privilegiados; o processo enfraqueceu com a crise fiscal e a volta da violência na segunda metade da década de 2010, deixando ainda mais um legado problemático aos territórios afetados.

Eu havia procurado essa heterogeneidade entre espanhóis e senegaleses para impossibilitar qualquer atribuição genérica a uma categoria particular de origem ou a uma trajetória migratória específica (Heil, 2020b). Os riscos dessa reificação são iminentes no Brasil, ainda mais ao questionar formas multissensoriais de se relacionar com a diferença, dada a constituição histórica do país na confluência de migrações forçadas e voluntárias da África e da Europa. Assim, a etnografia contribui para uma reinterpretação necessariamente distorcida pela mobilidade transnacional e local da constituição histórica da sociedade brasileira. Embora a cidade tenha passado por transformações econômicas e sociais significativas entre 2014 e 2020, as múltiplas crises que se seguiram intensificaram as experiências sensoriais, causando dúvidas e provocando reafirmações e reavaliações. No entanto, nossas trocas se condensaram em um fluxo contínuo de experiências, nas quais reificações e preconceitos estereotipados, assim como sintonias afetivas e estéticas, foram ressignificados nas trajetórias locais e transnacionais dos recém-chegados.

VISUALIDADES URBANAS

A geografia granular da riqueza e da desejabilidade racializadas do Rio é pouco normalizada por recém-chegados, estimulando uma percepção atenta e seus efeitos ambíguos diante das representações hegemônicas. Nelas, materializam-se tanto os binarismos entre beleza natural e qualidade de vida, de um lado, e pobreza e violência extrema, do outro, como também o que se celebra como magia das ambiguidades e dos fluxos diários. As tensões materialmente explícitas causadas pela proximidade do asfalto e do morro e pelas distinções macro da privilegiada Zona Sul em oposição às Zonas Norte e Oeste da cidade se refratam de forma imprevisível em dinâmicas urbanas de escala menor de segurança e desejabilidade que envolvem pessoas e lugares locais. Embora os esforços de mercantilização do Rio de Janeiro não deixem de incluir a favela como uma característica emblemática da topografia urbana, o crime, o tráfico de drogas e a habitação precária permaneceram sem resposta efetiva; pois fala-se da negligência e ausência do Estado, da persistência das desigualdades sociais e da falta de uma visão futura (Lino e Silva, 2025; Oosterbaan, 2023; Robb Larkins, 2015). Como efeito colateral, Machado-Borges (2014, p. 213) ressalta que a “leitura dos corpos” é uma prática constante do dia a dia no Brasil: “Essa pessoa é perigosa?” “Deveria evitá-la?” Em uma atmosfera afetiva moldada pelo potencial onipresente da violência, interpelações preconceituosas correspondem à sensação de precisar encurralar o Outro, de qualquer forma, para se manter seguro (Machado-Borges, 2014). Produções culturais hegemônicas como “Cidade de Deus” e os canais de notícias sensacionalistas sobre crime, como “Cidade Alerta”, alimentam esse imaginário coletivo e a sintonia sensorial emergente dos recém-chegados com ele (Jaguaribe, 2016; Oliveira Filho, 2015).

Em consonância com a condição de chegada, os migrantes recém-chegados muitas vezes somente se envolviam em relações parciais em encontros urbanos, respondendo aos sinais que obtinham da paisagem urbana e das pessoas que circulavam nela. Para construir as suas vidas desejadas na cidade, eles sintonizavam com as atmosferas afetivas dos espaços urbanos e as sensibilidades estéticas coletivas. As atmosferas são “elementos efêmeros, porém inescapáveis, de nossos ambientes experienciais e conceituais do dia a dia”³ (Sumartojo; Pink, 2019, p. 1); em constante mudança, elas tratam de como lugares e eventos se sentem, como nos afetam, bem como do que significam (Bille; Simonsen, 2021; Gandy, 2017). As atmosferas existem em diálogo com sensibilidades estéticas que marcam a sintonia sensorial com a aparência e a sensação dos ambientes urbanos e dos projetos que

³ Todas as citações são traduções próprias.

visam criar uma impressão (desejável) de um lugar (Degen; Rose, 2024, p. 1), como as produções culturais hegemônicas e visualidades emblemáticas do Rio de Janeiro. Mais do que uma mera ressonância na experiência dos recém-chegados, seus repertórios sensoriais, embora constituídos por essas atmosferas e sensibilidades, abraçam a constante mudança, as multiplicidades e as contradições.

A expectativa de que a topografia singular do Rio de Janeiro e as representações hegemônicas facilitariam o debate sobre a desigualdade urbana ressoou entre a maioria dos meus interlocutores europeus.

Há essa questão da topografia, que é uma maravilha. Se o Rio de Janeiro não estivesse nessa localização geográfica, seria uma merda, porque tudo o que os seres humanos fizeram no Rio de Janeiro não é mais bonito. [...] Mas, por outro lado, ver a silhueta da *Pedra da Gávea*, dos *Dois Irmãos*, da *Pedra do Cristo*, o verde, os morros que vão para um lado e para outro. Mas a cidade em si, eu sei, também tem muitas coisas bonitas, muitos prédios antigos. Eu costumava andar por uma rua chamada Frei Caneca, [...] uma rua [no centro] com prédios e casas lindos que estão – caindo aos pedaços (Jordi, 01/2015).⁴

Muitos espanhóis, como Jordi, a maioria deles vivendo na Zona Sul, começaram as suas narrativas por meio das qualidades paisagísticas marcantes da cidade. Eles acentuavam os contrastes entre a natureza exuberante e o vasto espaço construído, a beleza natural e a violência desvelada, a arquitetura modernista e a decadência urbana. O fervor particular de Jordi em seus esforços classificatórios derivava de seu olhar profissional de arquiteto. Como tantos outros, ele celebrou as estruturas históricas, além dos projetos modernistas espalhados pela cidade, condenando a decadência, a falta de planejamento e a estética capitalista particular que não se sintoniza com a paisagem ou a história ao redor (cf. Imagem 1). Essa rápida organização de espaços, corpos e estilos em hierarquias é co-constitutiva dos estereótipos e preconceitos – às vezes até caricaturas – além de eventualmente provocar contestações. Os estereótipos preconceituosos eram performativos e se manifestavam logo nas descrições visuais, devido à hegemonia da visão em detrimento dos outros sentidos, resultado do visualismo ocidental reificador que é característico do dualismo entre corpo e mente (Fabian, 1983, p. 106-107; Ingold, 2000).

Imagem 1 – Região portuária com as camadas de construção humana e reflexo do morro, 2016.



Fonte: autoria própria

4 Todos os nomes foram alterados.

No entanto, as trajetórias específicas dos meus interlocutores motivaram uma vasta gama de percepções do ambiente urbano e das pessoas que nela circulam. Clara, uma jovem profissional liberal que havia vivido em vários bairros da cidade menos privilegiados, incluindo a Baixada Fluminense e favelas em processo de gentrificação, afirmou:

“... não há por que notar [a diferença]. Porque, como eu te dizia antes: os brasileiros também gostam muito de se arrumar. Mesmo que não tenham [nada], gostam de se arrumar. [...] As pessoas aqui se cuidam muito, estão sempre muito limpinhas, muito — quer dizer — com roupas impecáveis.” (Clara, 02/2015).

Minha interlocutora se manifestou contra a classificação visual em que seus vizinhos, amigos e o seu parceiro apareciam apenas como o lado temido e estigmatizado da cidade, marcado pela criminalidade e violência, excluídos e sujeitos à necropolítica do Estado. Ignorando sua experiência de vida, seu discurso poderia lembrar o mito da democracia racial⁵ (Gonzalez, 2018; Jardim *et al.*, 2022). Longe disso, Clara expressou admiração por seus vizinhos e amigos, observando o quanto eles tiravam proveito do pouco que tinham. A sua desconstrução de um visualismo discriminador estava em harmonia com a própria trajetória local e transnacional. Filha de mãe trabalhadora, ela havia vindo ao Brasil com um parceiro fluminense e juntos sofreram da carência de trabalhos bem pagos, mas se beneficiam de uma rede social inicial desvinculada do hegemônico privilégio branco projetado no asfalto da zona sul (Heil, 2020a). Ela não cansava de desafiar leituras simplistas do Rio e da sua população e assim se beneficiou de um repertório sensorial insurgente.

Imagem 2 – Estilização de uma situação de venda ambulante de um senegalês



Fonte: elaboração própria

⁵ A expressão democracia racial se refere a um conjunto de representações sobre a sociedade brasileira, nascido no campo acadêmico na primeira metade do século XX e incorporado pela política pública e pelo senso comum. A suposta existência de uma democracia racial cedeu lugar ao reconhecimento da persistência da discriminação, segregação e violência – raciais e interseccionais. Reconhece-se meramente o ‘mito da democracia racial’, produto de um projeto de nação racista beneficiando uma elite pequena (Portela Júnior; Lira, 2022).

Sentado em 2014 no centro da cidade com Salloum, um vendedor ambulante senegalês (*cf.* Imagem 2), ele, sem querer, fez a sua própria crítica à racialização hegemônica. Tocou no cerne das contestações ao racismo e ao sexismo no Brasil (Gonzalez, 2018; Silva, 2006) ao fornecer um atalho para a diferença racial. Com vista para a rua, ele classificava as brasileiras com trajes de negócios como brancas, enquanto as mulheres de shorts e tops como pretas. Discutindo com senegaleses como enxergar a população brasileira, frequentemente nos deparávamos com a persistência de um binarismo racial. Embora a negritude brasileira estivesse enraizada firmemente no corpo feminino, o mesmo se tornava profundamente ambivalente. Jovens senegaleses compartilharam narrativas sobre a suposta promiscuidade sexual atribuída às garotas brasileiras, que viam grávidas jovens demais ou encontravam para namorar – um tema que raramente admitiam abertamente. De um lado, o seu estilo de se vestir e a residência nas favelas resultavam numa acusação de decadência moral por parte de meus interlocutores. Por outro lado, eles abraçaram as dificuldades das meninas como consequência da falta de cuidado e proteção familiares, pelas quais enfaticamente culpavam os chefes de família brasileiros, que imaginavam homens. Junto à real experiência da onipresença do privilégio branco, a persistência do próprio binarismo fazia sentido para os meus interlocutores em uma cidade onde a diferença, às vezes quase imperceptível, entre o luxo de um bronzeado e a ancestralidade mestiça é firmemente mantida (Pravaz, 2014), apesar dos esforços contínuos de desestabilização (Roth-Gordon; Larkins, 2025). Os senegaleses compartilhavam uma leitura de um arquivo colonial urbano no qual a população é julgada em espaços públicos e racializada a partir da sua aparência e de noções de beleza, bom gosto e higiene pessoal (Edmonds, 2010; Jarrin, 2015; Machado-Borges, 2014).

Nem sempre essa leitura passou sem ser desafiada. Apesar da contínua objetivação das mulheres negras, a seguinte afirmação de um senhor senegalês é notável pelas múltiplas camadas evocadas e pelas provocações dirigidas a mim:

Olha só, eu acho que isso é uma falsa moral. Nós somos de um país tropical, o Rio de Janeiro é quente, é quarenta graus. É diferente da Alemanha, onde a galera fica normal. Aqui é quente, a galera se veste pouco, a mulher misturada lá, aquela morena. Elas são bonitas, bunda grande, seios. Tem que mostrar mesmo. E qual é o problema? Agora, isso não quer dizer que está na prostituição, pois isso não tem nada a ver. Tem profissionais do sexo. Tá liberado, tem direitos, OK. É igual a empresários, não vou me meter. A mulher carioca é a mais bonita do mundo e vocês europeus sabem disso, pois saem de lá para passar as férias aqui. Não se censura isso, tem que deixar viver, tem que ser feliz (Hamidou, 02/2015).

Ao revelar e acusar a hipocrisia europeia, a fala de Hamidou, pai de duas filhas nascidas no Brasil, empoderou a mulher brasileira, destacando a sua presença sensorial na sociedade. Embora a provocação permanecesse inscrita nas ambivalências afetivas da racialização e sexualização das mulheres brasileiras, a performance de Hamidou mostrou o seu reconhecimento e a celebração da sua beleza e do seu poder. Em referência a um mural de rua da grafiteira e ativista Panmela Castro (@panmelacastro) celebrando a beleza negra feminina (*cf.* Imagem 3), outro pai senegalês relatou o desafio de educar suas filhas no Rio de Janeiro para que elas carregassem com orgulho sua herança africana, algo que ele enxergava como o maior desafio no Brasil atual. Um equilíbrio delicado se manteve entre a reificação e a desconstrução das hierarquias racializadas e sexualizadas pelo afeto dos recém-chegados, tornando-se evidente nesses exemplos e ocorrendo em múltiplas escalas, do local ao global. Esses repertórios podem ser melhor compreendidos se considerarmos como eles passaram pelos corpos dos meus interlocutores e foram evocados nas relações.

Imagem 3 – #TodaMulHEReLinda de @panmelacastro, Catete, 2015.



Fonte: https://deskgram.org/p/1767783375433074112_1427153662 (28/10/2019).

Em vez de enfatizar os dualismos mente-corpo, Simonsen e Koefoed mostram como uma fenomenologia crítica presta atenção a “formas de experiência corporais, situadas e frequentemente mais afetivas” (2020, p. 9), que são sensíveis à diferença social e politicamente situada. Os repertórios sensoriais emergentes dos recém-chegados articulam as suas experiências multifacetadas em encontros cotidianos com moradores urbanos em posições desiguais. Eles encapsulam a relação mutuamente afetiva entre as pessoas e seu entorno. Partindo dessa relação, uma fenomenologia crítica aborda a experiência corporal como um meio-termo conceitual que faz a ponte entre formas pré-reflexivas de ser afetado e emoções e significações subjetivas (Simonsen; Koefoed, 2020, p. 44-45). Formas afetivas e expressivas de se relacionar com o mundo ao redor se entrelaçam (Bille; Simonsen, 2021; Simonsen; Koefoed, 2020), conceituação que se alinha com o direito afetivo à cidade de Duff (2017) e outros que buscam reconciliar a fenomenologia e a performatividade (Ahmed, 2006; Stoller, 2010).

ENTRE TRAJETÓRIAS TRANSNACIONAIS E LOCAIS

Repertórios sensoriais combinam afetos e performatividades da diferença nas relações locais e transnacionais. Fundamentada em relações entrelaçadas de colonialidade, a performatividade de raça, classe e gênero mediava como espanhóis e senegaleses se comportavam ao chegar e como eram afetados pela localidade (Bille; Simonsen, 2021; Duff, 2017). Embora as pessoas passem a ocupar uma posição social significativa por meio de interpelações repetitivas, a performatividade social também acomoda as reformulações e as lutas sobre a formação do sujeito (Butler, 2015). Essas disputas podem ser abertamente políticas ou verdadeiramente sutis. No caso dos recém-

-chegados, incertezas, contradições e inconsistências estruturavam significativamente esse processo. Os repertórios sensoriais emergentes encapsulam uma tal multiplicidade característica de ambientes estruturados pela modernidade tardia e policêntrica (Blommaert; Backus, 2013, p. 11). Em contraste com situações em que estereótipos e preconceitos estão facilmente disponíveis para alguém, novos ambientes frequentemente apresentam atmosferas afetivas e estéticas locais que permanecem apenas parcial ou lentamente acessíveis às pessoas recentemente chegadas. A partir dos repertórios formados ao longo da vida e em constante expansão, torna-se evidente como a experiência corporal de recém-chegados em um ambiente urbano se situa na interface entre uma espacialidade afetiva e performativa (Bille; Simonsen, 2021). Novatos urbanos navegam pela ambiguidade sensorial, lidando com percepções parciais ou até equívocas, porém compreensíveis nas suas trajetórias. Em vez de significados prontos, eles entrelaçam fios de experiência corporal em repertórios dinâmicos e provisórios de relação com seu novo ambiente (Ingold, 2011, p. 326).

Ser africano e negro no Rio de Janeiro foi um aspecto definidor na vivência dos senegaleses no Brasil. Além de suas trajetórias migratórias diferentes, eles transitaram por áreas distintas da cidade, dependendo de sua curiosidade ou relutância, bem como de suas atividades sociais e econômicas. Um entre eles, Fallou, enquanto trabalhava na praia carregando sua mala móvel com óculos escuros, passou por um grupo de turistas quando um deles, em francês, expressou frustração com vendedores senegaleses que agora também estavam “poluindo” as praias do Rio de Janeiro. Fluen-te em francês, Fallou confrontou o turista, debatendo seus comentários racistas e afirmando seu igual direito à praia. Os efeitos persistentes desses encontros racistas eram palpáveis no corpo de Fallou, ainda agitado pela raiva, relatando o incidente. Fallou incorporou os efeitos enraizados do colonialismo francês no Senegal (Cruise O’Brien, 1972). A matriz senegalesa específica de poder colonial (Mignolo, 2011) teve um efeito duplo: em primeiro lugar, independentemente de encontros explicitamente racistas, os vendedores senegaleses sentiam que os franceses eram os piores para interagir no Rio. Em segundo lugar, a relação pós-colonial com “os franceses” e o impacto visceral da colonialidade materializavam-se sempre que pessoas brancas, especialmente estrangeiros, eram racistas. A colonialidade fazia claramente parte do registro que moldava as interações diárias dos meus interlocutores e a forma como eles se relacionavam com as contestações sobre branquitude e negritude no Brasil.

Referente à negritude no Brasil, os interlocutores senegaleses expressaram sentimentos ambíguos profundos. Inicialmente, eles haviam escolhido o Brasil, a nação com a maior população negra fora da África, mas suas experiências cotidianas pouco se assemelhavam às imaginações de um país substancialmente negro. Entre 2014 e 2017, muitos vendedores ambulantes senegaleses moraram no centro da cidade vizinha do Rio, Niterói, em um prédio dilapidado que já abrigou um prostíbulo irregular. Numerosas trabalhadoras do sexo ainda moravam lá, encontrando clientes nas ruas vizinhas. Apesar das origens raciais heterogêneas de seus vizinhos e de estarem gratos pela moradia acessível, ao falar comigo, os senegaleses atribuíram a negritude a esse ambiente, às pessoas e às suas atividades, dos quais sentiram que deviam manter distância. Enquanto um processo ambíguo de formação de sujeitos vinha se desenrolando para os senegaleses no Rio, alguns arriscavam reproduzir tropos racistas hegemônicos prevalentes no Brasil e globalmente (Foner, 2018) – uma perspectiva que contrastava fortemente com a forma como eles próprios desejavam ser vistos. Submetiam-se à geometria de poder existente, dando sentido a um contexto desafiador no qual definir o seu caminho estava longe de ser óbvio. No final da década de 2010, esse quotidiano tenso contrastava com a confluência emergente do próprio orgulho dos senegaleses de serem negros (*cf.* Imagem 4) e da crescente afirmação da negritude no Brasil (Jardim *et al.*, 2022).

Imagem 4 – Senegaleses a caminho da festa deles “Journée Khassida”, 2018, Niterói



Fonte: autoria própria

As dificuldades dos recém-chegados espanhóis em interpretar as visualidades racializadas urbanas também precisam ser contextualizadas dentro de suas variadas trajetórias migratórias e pessoais. Os efeitos relacionais da sua branquitude eram múltiplos e com frequência destoavam das suas expectativas. Espanhóis de todas as classes sociais compartilhavam frequentemente, envergonhados, que os brasileiros viam os europeus como impróprios e fedorentos, aparentemente ressentidos de tomar banho. Eles transmitiram como, em sua maior parte, seus colegas brasileiros ficavam desconcertados e desaprovavam suas escolhas espaciais na cidade, como viver em favelas em processo de gentrificação da Zona Sul ou no bairro central de Santa Teresa. Em conversas, parafrasearam as perguntas desaprovadoras dos colegas brasileiros: Como alguém que aspirava a ser de classe média poderia escolher viver em áreas consideradas perigosas e indesejáveis? Favelas permaneceram inseguras apesar da gentrificação, e o bairro boêmio de Santa Teresa, embora encantador, era de difícil acesso, em clara decadência e perigoso pela proximidade às favelas – atributos que nenhum charme razoavelmente conseguia compensar. Somavam-se alianças políticas, porém, causavam menos inseguranças pessoais. Embora meus interlocutores descrevessem essas divergências, seus corpos frequentemente revelavam como se sentiam destroçados. Confrontados com o desprezo dos brasileiros pela suposta falta de higiene pessoal e pela escolha de residência, ficaram aborrecidos a ponto de proclamar contra-acusações emocionais, chamando os seus críticos de classistas e patologicamente superficiais. A babá de branco e os escândalos nos clubes mais cobiçados serviram como motivo oportuno para se indignar (*cf.* Imagem 5). Uma percepção arrogante dos brasileiros surgiu, frequentemente característica dos portugueses no Brasil que diretamente habitavam uma relação pós-colonial (Feldman-Bianco, 2001; Rosales; Machado, 2019).

Imagem 5 – Estilização da figura da babá vestida de branco



Fonte: elaboração própria

Em outras ocasiões, observações entraram no repertório dos meus interlocutores que ignoravam as relações de classe racializadas para expressar o próprio sentimento sobre o lugar onde haviam chegado:

Na verdade, eu me dou melhor com [...] a esposa do porteiro do prédio de Humaitá. Ela é faxineira [...] sempre que me vê, bem, eu dou um abraço nela, e ela me dá um abraço. [...] a verdade é que me dou melhor com ela do que com qualquer outra pessoa aqui no bairro [...] E então ele, que mora na favela, ou a faxineira... Acho que ele tem mais curiosidade por esse estrangeiro que vem ao país. [...] ou quanto mais alto é o seu nível social, bem, você tem menos necessidade de conhecer. [...] Mas ele, que é de classe mais baixa e te vê meio normal, tem mais curiosidade e, claro, você começa a conversar com ele. E você está num país que não é o seu, está ansioso por conhecer pessoas ou trocar experiências. ... E por isso há uma relação melhor, eu acho. [...] acho que cada um está no seu lugar. Certo? Há um carinho, [...] talvez, não tivéssemos tanta conversa. [...] bem, nos respeitamos, não é? [...] Não sei (Marcelo, 03/2015).

Claramente, esta é uma descrição de uma relação profundamente desigual; no entanto, há também um repertório em formação que desafia as sociabilidades hierárquicas entre classes tão conhecidas pelo trabalho doméstico no Brasil e na América Latina (Brites, 2007; Canevaro, 2020). O cenário tem como pano de fundo uma classe média europeia com bons rendimentos, cuja mobilidade transnacional a coloca numa posição incômoda em relação às lógicas locais de hierarquia e desigualdade. Em diálogo com a clássica análise do estrangeiro de Simmel (1950), que ocupa uma posição tanto de inferioridade como de exterioridade, Marcelo concebia a própria condição de migrante. Com as camadas altas, a sensação da inferiorização predominava, enquanto a exterioridade causava interesse no segmento da população local menos privilegiado que se arriscava no encontro que proporcionava para eles, talvez, a possibilidade de um encontro diferente das relações hierárquicas bem estabelecidas localmente.

Imagem 6 – #Ocupa MINC RJ, 2016, frequentado com interlocutores espanhóis



Fonte: autoria própria

Da parte dos recém-chegados, Marcelo se permitia mostrar a própria limitação de descrever as últimas experiências e novas relações em palavras. Muitos espanhóis tiveram dificuldade em verbalizar as diferenças entre os habitantes cariocas e como se sentiam afetados pelos sinais performativos específicos, compondo estéticas coletivas e atmosferas sutis. Tornava-se o mais evidente em eventos noturnos, fossem eles políticos (cf. Imagem 7) ou não. Afirmções como “bem, você sabe, né?” ou “eu não conseguiria te dizer, mas não está claro mesmo” tornaram esses desafios tangíveis. Eles revelaram sentir-se desafiados pelo tecido social do Rio de Janeiro e pelas dissonâncias com os próprios repertórios que produziam novas vivências. Por sua parte, na maioria das vezes, os senegaleses também eclipsavam o risco de expressar as suas sensações locais em palavras, cientes do risco de estereotipações arriscadas. Explicavam com um sorriso que, com o tempo na cidade e junto aos cariocas, simplesmente sabiam como se relacionar adequadamente com a grande variedade de pessoas e situações que enfrentavam. Para todos, a simples aplicação de categorias pré-existentes, mesmo usadas com frequência, não dava conta das múltiplas dimensões afetivas e performativas dos seus repertórios sensoriais pelos quais abordavam e co-constituíam a experiência urbana.

CONCLUSÃO

Em uma megalópole expansiva como o Rio de Janeiro, com suas hierarquias rígidas e entrecruzadas, os recém-chegados afinavam o seu repertório relacionando-se com as atmosferas afetivas e as estéticas coletivas da cidade. Eles moldavam repertórios sensoriais para agir rapidamente diante da onipresença chamativa da desigualdade social e racializada e de sua reverberação no ambiente construído. Entravam em relações e ambientes urbanos em que estereótipos, preconceitos e clichês são facilmente disponíveis e reafirmados. Meus interlocutores espanhóis e senegaleses perceberam claramente a frequente estilização visual de corpos e espaços na tentativa de se sair bem nos regimes violentos de desejabilidade diferenciada. Em vez de simplesmente aprender sobre a história brasileira eugênica de branqueamento (Bento, 2022; Conceição, 2020) e a importante afirmação da população negra (Jardim *et al.*, 2022), que estão em jogo nos processos de diferen-

ciação locais, os recém-chegados também contextualizaram as informações sensoriais em suas próprias trajetórias locais e transnacionais. Frente à onipresença local e global do racismo, do sexismo e do classismo, os afetos e atos que compunham os repertórios demonstravam que havia muito em jogo a qualquer momento: a própria segurança e realização material e afetiva, incondicionalmente ligadas aos julgamentos e reações dos outros ao redor.

Nesse contexto, prestar atenção aos repertórios sensoriais — o conhecimento corporal e reflexivo dos recém-chegados em constante movimento entre dissonância e adequação — torna tangível o seu trabalho epistêmico frente aos ambientes urbanos multifacetados e altamente desiguais. Nesse processo multidirecional, algumas pistas sensoriais permaneceram ambíguas e podem aparentar ter pouco a ver com a localidade. Porém, recém-chegados atuavam de forma comparável à criatividade da população local extremamente heterogênea e às suas formas de resistir às interações públicas. A partir da própria experiência corporal idiossincrática, moldavam as diferenças encontradas, desde estéticas coletivas robustas até atmosferas urbanas sutis. Se os encontros ressoavam fortemente com suas experiências individuais e coletivas, como legados coloniais e condição de classe, eles reagiam enfaticamente, enquanto em outras ocasiões confiavam em sensações e afetos impressionistas. No processo de chegar à cidade, os repertórios sensoriais parciais, porém, matizados, evoluíam continuamente na interseção de trajetórias locais e transnacionais, bem como de encontros locais com espaços e pessoas, suas performatividades e disposições afetivas.

A percepção da diferença em encontros de recém-chegados com a cidade e os corpos que nela circulam participa na complexidade local, trazendo especificidades e referências transnacionais. Pessoas e espaços conectavam-se, ainda que parcialmente. Os movimentos dos meus interlocutores pela cidade eram atos performativos que co-constituíam expressivamente sua experiência corporal e as hierarquias urbanas consolidadas do Rio. Assim, os repertórios sensoriais dos recém-chegados contribuem para o conhecimento em circulação das lógicas das diferenças na vida urbana. Compreender esses repertórios pode fornecer pontos de partida para abordar melhor algumas das assimetrias mais perturbadoras que se materializam na confluência das mobilidades transnacionais e das histórias urbanas locais, como no Rio, esse urbano tanto desafiador quanto encantador.

Agradecimentos

Agradeço os participantes da pesquisa e os comentários recebidos pelos participantes do Grupo de Trabalho 182: Visualidades urbanas: Poder, subjetividades, gênero e o existir nas cidades, compondo a programação oficial da XV Reunião de Antropologia do Mercosul.

Financiamento

European Commission Horizon 2020 Framework Programme: Marie Skłodowska-Curie Actions Grant 665501; German Federal Ministry of Education and Research: Grant 01UK2023B.

Disponibilidade de dados

Este artigo baseia-se em trabalho de campo etnográfico envolvendo dados pessoais de populações, por vezes, vulneráveis. Por esse motivo, os dados originais da pesquisa não foram disponibilizados publicamente.

REFERÊNCIAS

- ACESKA, Ana; DOUGHTY, Karolina; TIRYAKI, Muhammet Esat; ROBINSON, Katherine; TISNIKAR, Eva; XU, Fang. Doing sonic urban ethnography: Voices from Shanghai, Berlin and London. **Urban Studies**, [S. l.], v. 61, n. 10, p. 1951-1967, 2024 DOI: 10.1177/004209802312238. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/00420980231223866>. Acesso em: 15/01/2026
- AHMED, Sara. **Queer phenomenology: Orientations, objects, others**. Durham: Duke University Press, 2006. 215 p.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022. 152 p.
- BIELETTO-BUENO, Natalia. Noise, soundscape and heritage: Sound cartographies and urban segregation in twenty-first-century Mexico City. **Journal of Urban Cultural Studies**, Reino Unido, v. 4, n. 1-2, p. 107-126, 2017. DOI: 10.1386/jucs.4.1-2.107_1. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/jucs.4.1-2.107_1. Acesso em: 15/01/2026
- BIELETTO-BUENO, Natalia. **Ciudades vibrantes: Sonido y experiencia aural urbana en América Latina**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Mayor, 2021. 354 p.
- BILLE, Mikkel; SIMONSEN, Kirsten. Atmospheric Practices: On Affecting and Being Affected. **Space and Culture**, Estados Unidos, v. 24, n. 2, p. 295-309, 2021. DOI: 10.1177/1206331218819711. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1206331218819711>. Acesso em: 30/11/2025
- BLOMMAERT, Jan; BACKUS, Ad. Superdiverse repertoires and the individual. In: SAINT-GEORGES, Ingrid de; WEBER, Jean-Jacques. (Eds.). **Multilingualism and multimodality: Current Challenges for Educational Studies**. Rotterdam: Sense Publishers, 2013. p. 11-32.
- BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. (Cambridge Studies in Social and Cultural Anthropology Book 16) (English Edition). Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 248 p.
- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, São Paulo, n. 29, p. 91-109, 2007. DOI: 10.1590/S0104-83332007000200005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sYvxW4VrSjVfNcPpwmncMfx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27/09/2025
- BUTLER, Judith. **Notes toward a performative theory of assembly**. Cambridge: Harvard University Press, 2015. 256 p.
- CANEVARO, Santiago. **Como de la familia: Afecto y desigualdad en el trabajo doméstico**. Buenos Aires: Prometeo, 2020. 270 p.
- CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude: Dilema racial brasileiro**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. 92 p.
- CRUISE O'BRIEN, Rita. **White society in black Africa: The French of Senegal**. London: Faber & Faber, 1972. 320 p.
- DEGEN, Monica; ROSE, Gillian. Conceptualising aesthetic power in the digitally-mediated city. **Urban Studies**, [S. l.], v. 61, n. 11, p. 2176-2192, 2024. DOI: 10.1177/00420980241232501. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/00420980241232501>. Acesso em: 30/03/2025
- DUFF, Cameron. The affective right to the city. **Transactions of the Institute of British Geographers**, Londres, Inglaterra, v. 42, n. 4, p. 516-529, 2017. DOI: 10.1111/tran.12190. Disponível em: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/tran.12190>. c
- EDMONDS, Alexander. **Pretty modern: Beauty sex and plastic surgery in Brazil**. Durham: Duke University Press, 2010. 297 p.
- FABIAN, Johannes. **Time and the other: how anthropology makes its object**. New York: Columbia University Press, 1983. 259 p.
- FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1952. 260 p.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Constructions of sameness and Difference. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, Londres, Inglaterra, v. 8, n. 4, p. 607-650, 2001. DOI: 10.1080/1070289X.2001.9962710. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/1070289X.2001.9962710?needAccess=true>. Acesso em: 05/03/2017
- FONER, Nancy. Race in an era of mass migration: Black migrants in Europe and the United States. **Ethnic and Racial Studies**, Reino Unido, v. 41, n. 6, p. 1113-1130, 2018. DOI: 10.1080/01419870.2018.1411600. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2018.1411600>. Acesso em: 30/03/2025
- FORTUNA, Carlos. La ciudad de los sonidos: Una heurística de la sensibilidad en los paisajes urbanos contemporáneos. **Cuadernos de antropología social**, Buenos Aires, Argentina, n. 30, p. 39-58, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n30/n30a03.pdf>. Acesso em: 15/01/2026

- GANDY, Matthew. Urban atmospheres. **Cultural Geographies**, Estados Unidos, v. 24, n. 3, p. 353-374, 2017. DOI: 10.1177/1474474017712995. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/1474474017712995>. Acesso em: 30/03/2025
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018. 472 p.
- GUILLEBAUD, Christine. (Ed.). **Toward an Anthropology of Ambient Sound**. New York: Routledge, 2017. DOI: 10.4324/9781315755045. 258 p. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9781315755045/toward-anthropology-ambient-sound-christine-guillebaud>. Acesso em: 15/01/2026
- HALL, Stuart. The After-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why now? Why Black Skin, White Masks? In: READ, Alan. (Ed.). **The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation**. Seattle: Bay Press, 1996. p. 12-37.
- HEIL, Tilman. Post/colonial reconfigurations: The disregarded, renewed arrival of Spaniards in Rio de Janeiro. **Journal of Immigrant and Refugee Studies**, v. 18, n. 3, p. 326-340, 2020 a. DOI: 10.1080/15562948.2020.1754994. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15562948.2020.1754994>, Acesso em: 28/06/2026
- HEIL, Tilman. Alteridades migratórias atuais: Africanidade e europeidade em questão no Rio de Janeiro. **Brasil(s)**, n. 3, 2020 b. DOI: 10.4000/bresils.8918. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/bresils.8918>, Acesso em: 28/06/2026
- HEIL, Tilman. Interweaving the fabric of urban infrastructure: The emergence of a Senegalese presence in Rio de Janeiro. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 45, n. 1, p. 133-149, 2021. DOI: 10.1111/1468-2427.12963. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12963>, Acesso em: 28/06/2026
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000. 480 p.
- INGOLD, Tim. Worlds of sense and sensing the world: A response to Sarah Pink and David Howes. **Social Anthropology**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 313-331, 2011. DOI: 10.1111/j.1469-8676.2011.00163.x. Disponível em: <https://www.berghahn-journals.com/view/journals/saas/19/3/j.1469-8676.2011.00163.x.xml>. Acesso em: 23/05/2019
- JAGUARIBE, B. **Rio de Janeiro: Urban life through the eyes of the city**. London: Routledge, 2014.
- JAGUARIBE, B. The shock of the real: Realist aesthetics in the media and the urban experience. **Space and Culture**, v. 8, n. 1, p. 66-82, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1206331204269379>
- JARDIM, D. F.; JOSEPH, H.; AUDEBERT, C.; PINHO, O. (org.). Negritude e relações raciais. **Horizontes Antropológicos**, n. 63, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/6245>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- JARRIN, A. Towards a Biopolitics of Beauty: Eugenics, Aesthetic Hierarchies and Plastic Surgery in Brazil. **Journal of Latin American Cultural Studies**, v. 24, n. 4, p. 535-552, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13569325.2015.1091296>
- KING, A. Thinking with Bourdieu against Bourdieu: A 'Practical' Critique of the Habitus. **Sociological Theory**, v. 18, n. 3, p. 417-433, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/0735-2751.00109>
- LINO E SILVA, M. Post-liberalism and the politics of liberation: Brazilian favelas as emergent territories of freedom. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 31, n. 4, p. 1023-1040, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9655.14319>
- MACHADO-BORGES, T. 'Have you ever seen a thief wearing a uniform?': Struggling for dignity in urban southeastern Brazil. **Ethnography**, v. 16, n. 2, p. 207-222, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1466138114547623>
- MEEUS, B.; ARNAUT, K.; VAN HEUR, B. (org.). **Arrival infrastructures: Migration and urban social mobility**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2018.
- MIGNOLO, W. D. **The darker side of Western modernity: Global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.
- OLIVEIRA FILHO, J. H. A intertextualidade e sua teia: Da etnografia ao romance e do romance ao filme. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 129, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/3089129-146/2015>
- OOSTERBAAN, M. Absence-of-the-law-talk and absence-of-the-state-display: Urban space and exceptional state violence in Rio de Janeiro. **Social Sciences & Humanities Open**, v. 8, n. 1, p. 100661, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2023.100661>
- PORTELA JÚNIOR, A.; LIRA, B. F. F. A. América Latina e a crítica à democracia racial em Lélia de Almeida Gonzalez. **Horizontes Antropológicos**, n. 63, p. 105-131, 2022.

- PRAVAZ, N. The tan from Ipanema: Freyre, morenidade, and the cult of the body in Rio de Janeiro. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v. 34, n. 67, p. 79–104, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08263663.2009.10816965>
- ROBB LARKINS, E. **The spectacular favela: Violence in modern Brazil**. Oakland: University of California Press, 2015. (California series in public anthropology). v. 32.
- ROSALES, M. V.; MACHADO, V. P. Contemporary Portuguese Migration Experiences in Brazil: Old Routes, New Trends. In: PEREIRA, C.; AZEVEDO, J. (org.). **New and Old Routes of Portuguese Emigration**. Cham: Springer International Publishing, 2019. (IMISCOE Research Series). p. 193–207. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-15134-8_10
- ROTH-GORDON, J. **Race and the Brazilian body: Blackness, whiteness, and everyday language in Rio de Janeiro**. Oakland: University of California Press, 2017.
- ROTH-GORDON, J.; LARKINS, E. R. Tanning with Anitta, the New Girl from Ipanema: Creating Visibility Capital in a Global Look Economy. **Latin American Research Review**, p. 1–21, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/lar.2025.10060>
- SAUNDERS, D. **Arrival city: How the largest migration in history is reshaping our world**. London: Windmill Books, 2010.
- SILVA, D. F. da. À brasileira: Racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 61–83, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100005>
- SIMMEL, G. The stranger. In: WOLFF, K. H. (org.). **The sociology of Georg Simmel**. Glencoe: Free Press, 1950. p. 402–408.
- SIMONSEN, K.; KOEFOED, L. **Geographies of embodiment: critical phenomenology and the world of strangers**. London: SAGE Publications, 2020. (Society and space series).
- STOLLER, S. Expressivity and performativity: Merleau-Ponty and Butler. **Continental Philosophy Review**, v. 43, n. 1, p. 97–110, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11007-010-9133-x>
- SUMARTOJO, S.; PINK, S. **Atmospheres and the experiential world: Theory and methods**. Abingdon: Routledge, 2019.
- VEDANA, V. **Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana**. ILUMINURAS, v. 11, n. 25, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.15537>. Acesso em: 27 maio. 2026.

Fine-tuning differences upon arrival in the city: sensorial repertoires of international migrants in Rio de Janeiro, Brazil

Abstract

International migrants arriving in the unequal city of Rio de Janeiro, Brazil, encounter ethno-racial, class, and gender differences and hierarchies that shape the urban landscape and the bodies that circulate within it. This ethnography with Senegalese and Spanish migrants who arrived in the 2010s analyzes how they engaged differently with the affective atmospheres and collective aesthetics own to urban spaces and their inhabitants. Within a critical phenomenology, visual registers are conceived as part of sensory repertoires. By analyzing the sensory repertoires emerging from the local and transnational trajectories of newly arrived migrants, the article reveals how newcomers tune into dense urban landscapes and the contradictions and contingencies between experiences and sensibilities, arising from privilege and racism, fear and curiosity. The heterogeneity of migrants' repertoires reflects and co-constitutes this dense, multifaceted, and challenging urban world.

Keywords: Urban inequality; Migration; Intersectionality; Performativity; Critical Phenomenology.

Afinando las diferencias en la llegada a la ciudad: repertorios de la diferencia de migrantes internacionales en Rio de Janeiro, Brasil.

Resumen

Los migrantes internacionales que llegan a la desigual ciudad de Río de Janeiro, Brasil, se encuentran con diferencias y jerarquías étnico-raciales, de clase y de género que conforman el paisaje urbano y los cuerpos que circulan por él. La etnografía con migrantes senegaleses y españoles llegados en la década de 2010 analiza cómo estos se involucraron de manera diferenciada con las atmósferas afectivas y estéticas colectivas proporcionadas por los espacios urbanos y sus habitantes. A partir de un enfoque fenomenológico y crítico, los registros visuales urbanos se conciben como parte de repertorios sensoriales. Al analizar los repertorios sensoriales emergentes de las trayectorias locales y transnacionales de los migrantes recién llegados, el artículo revela cómo estos se sintonizan con los densos paisajes urbanos y con las contradicciones y contingencias entre experiencias y sensibilidades, derivadas del privilegio y el racismo, el miedo y la curiosidad. La heterogeneidad de los repertorios de los migrantes refleja y co-constituye este mundo urbano denso, multifacético y desafiante.

Palabras clave: Desigualdad urbana; Migración; Interseccionalidad; Performatividad; Fenomenología Crítica.

Histórico

- Recebido: Fevereiro/26
- Primeiro Parecer: Maio/26
- Segundo Parecer: Maio/26
- Aceito: Maio/26
- Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Junho/26
- Revisado Autor: Junho/26
- Publicado: Julho/26

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

- Marina de Souza Sartore (Editora-chefe)
- Ítalo Gordiano de Cerqueira (Editor Assistente Júnior)

Contato: revistatomo@gmail.com